

UMA ANÁLISE DISCURSIVA DOS MEMES “NEGO ISSO, NEGO AQUILO”
A DISCURSIVE ANALYSIS OF THE MEMES “NEGO ISSO, NEGO AQUILO (NIGGA THIS, NIGGA THAT)”

Raquel Costa Guimarães Nascimento
Universidade Federal De Goiás

RESUMO: Este artigo, produzido dentro do projeto: “*Da margem ao centro: discursos sobre as minorias nas mídias sociais*”, aborda um conjunto de memes conhecido como “nego isso, nego aquilo”, difundido nas mídias sociais a partir de 2015 e elaborados com imagens exclusivas de negro e frases com efeito humorístico. Apoiamo-nos em fundamentos da Análise do Discurso de linha Francesa, como sujeito, ideologia, efeito de sentido, interdiscurso, memória discursiva e intericonicidade para realizar as análises que são desenvolvidas de modo a explicar como estes conceitos podem ser aplicados no *corpus* selecionado, a fim de constatar se os memes contêm ou não efeitos de sentido racistas. Baseamo-nos, também, nos estudos de Fonseca (2012), pesquisador em Ciências sociais, para pensar o papel do negro no Brasil e sobre o “riso e racismo à brasileira”. Analisamos as imagens e frases dos memes, dividindo-os em dois grupos conforme os interdiscursos e os efeitos de sentido evocados. Desse modo, buscamos, em nossa pesquisa, encontrar indícios de ideologia racista evidenciada nos discursos, mesmo que disfarçadas sob a forma de humor.

PALAVRAS-CHAVE: discursos; memes; preconceito racial

ABSTRACT: This article, produced within the project “*From margin to center: discourses on minorities in social media*”, approaches a series of memes known as “nego isso, nego aquilo (nigga this, nigga that)”, widespread in social medias since 2015 and elaborated with exclusive images of black people and phrases with humorous effect. We rely on the foundations of French Line Discourse Analysis, such as subject, ideology, effect of sense, interdiscourse, discursive memory and intericonicity to carry out the analyses that are developed, in order to explain how these concepts can be applied in the selected corpus, in order to determine whether the memes contain racist effects of sense or not. We were also based on studies by Fonseca (2012), a researcher in social sciences, to think about the function of black people in Brazil and about “Brazilian laughter and racism”. We analyzed the images and phrases of the memes, dividing them in two groups according to interdiscourses and the effects of sense evoked. Thus, we sought, in our research, to find indications of racist ideology evidenced on discourses, even if disguised in the form of humor.

KEYWORDS: discourses; memes; racial prejudice.

1 Introdução

Há algumas décadas temos visto grandes avanços tecnológicos sendo refletidos nas formas de se transmitir informações. Ocorreu um salto do modo tradicional de comunicação escrita (telegrama/carta/jornal) para modos de se relacionar instantâneos, amplos e acessíveis a qualquer um, desde que possua um aparelho de celular, notebook, computador ou *tablet* conectado a uma rede de internet. Em decorrência disso, vários ambientes virtuais de interação sociale difusão de ideias surgiram: *facebook*, *twitter*,

whatsappe outros; e, com eles, novos gêneros discursivos passaram a fazer parte do dia a dia das pessoas.

Um deles é o meme: geralmente instrumento humorístico, dispensa longos textos explicativos e expõe mensagens associando uma imagem significativa a uma frase de impacto. “O termo meme aparece pela primeira vez no livro *The selfish gene* (O gene egoísta) de Richard Dawkins, (...)1976, em que o autor faz uma analogia entre os termos gene e meme, uma vez que “gene” é a possibilidade biológica da disseminação de características” (LISBOA, 2015, p. 32). Assim, tudo que possa ser apreendido e reproduzido por cópia é tido como meme. Especialmente nos dias atuais, em que a interação virtual entre os indivíduos é frenética, ele possibilita um novo modo de se manifestar nas redes sociais. Contudo, apesar de ter conquistado espaço entre os internautas, é ainda pouco estudado. Talvez em razão de este ser um mecanismo novo, informal e em constante modificação. Por meio desse novo gênero discursivo, praticamente todos os assuntos são difundidos, adquirindo mais ou menos expressão de acordo com a situação e o contexto sócio histórico como o aparecimento de alguma notícia na mídia, a proximidade de um evento ou data comemorativa, por exemplo.

Um assunto que tem ganhado repercussão e sido motivo de debate em suportes e gêneros variados é o preconceito racial, na abordagem de temas como discriminação racial, empoderamento da mulher e do homem negros, valorização da cultura africana, e outros tantos. E, se por um lado, organizações se erguem para reivindicar os direitos dos negros e denunciar a opressão e a segregação; por outro, perdura o discurso através do qual nega-se a discriminação e defende-se a ideia de que no Brasil todas as pessoas são tratadas de modo igualitário.

Até mesmo as palavras usadas para se reportar aos negros são alvo de controvérsia. Como se referir a eles corretamente? Negro, nego e preto são alguns vocábulos que, quando mencionados, podem iniciar uma discussão. É sabido que podem ser adotados para agredir, mas também são usados de forma carinhosa, entre amigos, família e namorados. Essa contradição dificulta a interpretação dos discursos e dos efeitos de sentido veiculados naquilo que é dito. A fim de exemplificar tal contradição, podemos citar o fato ocorrido em 2004, quando o governo do então presidente Lula, após uma grande pressão, tirou de circulação uma cartilha lançada anteriormente através da Secretaria dos Direitos Humanos, que defendia haver preconceito incorporado em muitas palavras e expressões, sugerindo formas apropriadas de se referir aos negros e outras

peças. Fiorin (2008), em seu texto *A linguagem politicamente correta*, ao comentar esse acontecimento, argumenta que, se por um lado, a busca de eufemismos não garante que os dizeres estejam isentos de preconceito, (afinal, não existe palavra neutra, todas são revestidas de variadas possibilidades de significação), por outro, é importante “usar uma linguagem que não machuque os outros, que não revele preconceitos, que não produza discriminações”, além disso, pontua sobre a importância de se respeitar a “natureza e o funcionamento da linguagem” (FIORIN, 2008. p.4).

Diante do exposto, é objetivo dessa pesquisa estudar quais discursos as mídias sociais fazem circular sobre a figura do negro, e como a palavra “nego” é utilizada, considerando como objeto um gênero específico: o meme. Tomaremos, como *corpus* um conjunto de memes cujo título é “Nego isso, nego aquilo”, que circula nos espaços virtuais de comunicação, suscitando querelas quanto ao seu conteúdo: são esses memes de cunho preconceituoso ou apenas brincadeiras? Pode uma piada estar apoiada sobre uma atitude racista? Ou invertendo a pergunta: um discurso racista pode estar transvestido de piada?

Para isso, reunimos trinta memes dos quais seis foram selecionados, pelas relações que estabelecem com fatos marcantes da história dos negros no Brasil e no exterior, para compor o *corpus* da pesquisa. Os memes trazem a imagem de uma ou mais pessoas, majoritariamente negras, e uma frase em que a palavra ‘nego’ funciona como sujeito, tais como: “nego não vale nada”, “nego tá soltinho hoje”.

A Análise do discurso de linha francesa (AD) observa o texto para além da superfície das palavras, ultrapassando os níveis sintático, semântico e morfológico (PÊCHEUX, 2011), buscando recursos que vão além da linguística para analisar os dizeres dos sujeitos, ao trabalhar com conceitos como efeito de sentido, memória e condições de produção. Constitui-se, então, aparato teórico metodológico capaz de responder a algumas dessas questões ou pelo menos clarear alguns pontos, trazendo à discussão subsídios valiosos deste campo do saber. Deste modo, para sedimentar a pesquisa, nos apoiaremos nos estudos dos franceses Pêcheux (2009), (2011) e Courtine (2005) e (2013), além dos pesquisadores brasileiros Possenti (2004), Orlandi (2006), (2015), Milanez (2013) e Mussalim (2003), e das observações do cientista social Fonseca (2012) para pensar o humor negro no Brasil.

O artigo compõe-se das seguintes seções: inicialmente discorreremos sobre o conceito de condições de produção do discurso, além das noções de memória,

interdiscurso e intericonicidade, relacionando-os aos memes, em seguida, trataremos do sujeito, da ideologia e do sentido na perspectiva da AD e procuraremos refletir sobre o *corpus* partir de tais conceitos; depois, apresentaremos as análises dos memes. Os seis memes foram organizados em dois grupos: no primeiro, há recorrência predominante de discursos relacionados à época da escravidão no Brasil; no segundo, são retomados discursos relativos a eventos históricos e sociais ligados à segregação dos negros nos Estados Unidos. Finalmente, exibiremos as conclusões a que pudemos chegar ao final desse percurso.

2 FUNDAMENTOS DA ANÁLISE DO DISCURSO PARA A ANÁLISE DE MEMES

Desde a proposição inicial da AD feita por Michel Pêcheux na França, a disciplina sofreu diversas atualizações. A proposta evoluiu em diversos sentidos, a contar da seleção de *corpus* que, inicialmente, se dava unicamente com textos escritos nos quais se viam discursos políticos estabilizados, até o período atual, em que diversos discursos (literário, midiático, pedagógico, etc.) materializam-se em múltiplas semioses. Memes, tirinhas, propagandas audiovisuais, romances, capas de revistas são algumas das possibilidades de *corpus* para as pesquisas. Na AD, em geral, não se selecionam os conceitos antes da seleção do *corpus*, mas é o *corpus*, o material selecionado, que evoca os conceitos que serão utilizados na posterior análise.

2.1 AD E O CONCEITO DE DISCURSO

Amparado pelas teorias de Marx e Althusser (materialismo histórico), pela psicanálise de Lacan (nova concepção de sujeito), além da Linguística de Saussure, Pêcheux desenvolve várias novas ideias, como o da máquina discursiva. Mussalín (2003, p.106) esclarece que “Para Pêcheux é como se houvesse uma “máquina discursiva”, um dispositivo capaz de determinar, sempre numa relação com a história, as possibilidades discursivas do sujeito inserido em determinadas formações sociais”. Nesse momento, Pêcheux estabelece seus estudos em torno dos discursos políticos mais estabilizados, além de se dedicar exclusivamente a textos escritos.

Mas qual é a definição de discurso? Explicando a teoria de Pêcheux (1969), a qual diz: “Mais que transmissão de informação, o discurso é o efeito de sentido”, Orlandi (2006, p. 14), esclarece: “Dizer que o discurso é efeito de sentido entre locutores significa deslocar a análise de discurso do terreno da linguagem como instrumento de

comunicação”. A autora explica que esse esquema estruturalista emissor-código-receptor não é capaz de detectar a subjetividade dos participantes da comunicação.

Não há essa relação linear entre enunciador e destinatário. Ambos estão sempre tocados pelo simbólico. Tampouco língua é apenas um código no qual se pautaria a mensagem que seria transmitida de um a outro. Não há, além disso essa transmissão: há efeito de sentido entre locutores. Efeitos que resultam da relação de sujeitos simbólicos que participam do discurso, dentro das circunstâncias dadas. (ORLANDI, 2006, p. 15).

A AD passa por três fases. Na primeira, além da máquina discursiva, já se considera o sujeito como não sendo a fonte do discurso. Na segunda fase, vigora a ideia de que o sujeito é uma função, e que ele pode desempenhar várias delas. Na terceira fase, a máquina discursiva perde completamente a influência. O outro, a polifonia, o interdiscurso, o inconsciente e a memória passam a ser considerados como condições fundamentais na produção do discurso.

2.2 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO, MEMÓRIA, INTERDISCURSO E INTERICONICIDADE NA AD

Para a vertente francesa de análise do discurso, as condições de produção são os fatores que propiciam ou favorecem o aparecimento de um discurso. Orlandi (2015) explica o quão fundamental é para a AD ligar os discursos às condições de produção. Estas vão abarcar, de acordo com a autora: o sujeito, a situação (tanto imediata quanto ampla), observando contexto social, histórico e ideológico, além da memória discursiva e do interdiscurso. Sobre os contextos, que podem ser imediatos ou amplos, Possenti (2004, p. 386) faz uma ressalva ao afirmar: “o que confere ou garante sentido ao que o enunciador diz não é o contexto imediato em que está situado (...), mas as posições ideológicas e as relações entre o que diz e o que já foi dito na mesma posição”. Então, se por condições de produção pode-se subentender contextos, para Possenti (2004), os contextos imediatos só importam quando neles “funcionem condições históricas de produção”, ou seja, aquele acontecimento deve estar ligado a um acontecimento maior, mais amplo histórica e ideologicamente. Nesse sentido, o autor esclarece que a AD “dará mais relevo ao que em um evento se repete, eventualmente, durante décadas, do que aquilo que é característico das circunstâncias”. (COURTINE; MARANDIN, 1981 *apud* POSSENTI, 2004, p.368).

No gênero meme, ao serem retomados certos discursos por meio do emprego do termo *nego*, são acionados dois fatores de suma importância para a AD: o interdiscurso e a memória discursiva. O interdiscurso acontece toda vez que um discurso se cruza com outros. É a interconexão de várias formações discursivas (FD) que, funcionando como teias, formam vários pontos de junção. O ponto de junção é o discurso, que não surge isolado, vindo de uma única FD, mas sim de inúmeras, e carrega em si todas as possibilidades desse entrecruzamento. O simples fato de usar a língua já é um interdiscurso, visto que “a língua não é nossa” (ORLANDI, 2015, p. 30), já que não se cria uma palavra ao dizê-la, pois a linguagem é social e anterior ao sujeito; então, como o sujeito adquire suas ideias pela linguagem, adquire com ela a ideologia. Portanto toda vez que uma palavra é dita, ela é dita “novamente”.

Assim, todo discurso traz embutido em si uma memória de tudo o que possa ter sido “dito e esquecido” (ORLANDI, 2015, p. 29). A autora também classifica isso como “o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”. Não se trata de uma memória individual, mas coletiva que se insere naquela teia de significados, articulando vários conceitos. Nesse sentido, como reitera Possenti (2004, p. 365), “a memória será, evidentemente, discursiva”. Lembrando que o sujeito também não tem consciência de que essa memória está presente em seu dizer, nem o quanto ela influencia aquilo que diz. Esse apagamento é tratado por Orlandi(2015) como esquecimento ideológico.

Sabendo disso, podemos dizer que, sob certas condições de produção, quando a palavra “nego” é dita, mesmo que de maneira inconsciente e involuntária, aciona-se também toda a historicidade dela, toda a carga semântica de rejeição, abuso e inferioridade que as pessoas designadas por meio desse termo carregaram durante séculos.

Algo semelhante pode ser pensado a respeito também das imagens. Nesse ponto, nosso estudo é dirigido para aquilo que disse Courtine (2005) a respeito de intericonicidade. Traremos a seguir, trechos de duas entrevistas que o autor concedeu a Nilton Milanez em que são esclarecidos vários pontos sobre esse conceito. Conforme as palavras do autor,

não há discursos que não sejam interpretáveis, compreensíveis, sem referência à uma tal memória. Diria a mesma coisa de uma imagem. Toda imagem se inscreve em uma cultura visual. Essa cultura visual supõe a

existência, para o indivíduo, de uma memória de imagens. Toda imagem tem um eco (COURTINE, 2005).

O autor diz que essa memória é a “história das imagens vistas, mas poderia ser também a história das imagens sugeridas”. Ele acrescenta que a intericonicidade é uma noção complexa, já que supõe a relação de uma imagem externa, mas também interna:

A intericonicidade supõe as relações das imagens exteriores aos sujeitos, como quando uma imagem pode ser inscrita em uma série de imagens, uma genealogia, como um enunciado em uma rede de formulação, segundo Foucault. Mas isso supõe também levar em consideração todos os catálogos de memória da imagem do indivíduo; de todas as memórias: podem ser até os sonhos, as imagens vistas, esquecidas, ressurgidas e também aquelas imaginadas (COURTINE 2005).

O autor conclui essa entrevista dizendo que a imagem é atravessada por outras, da mesma maneira que o discurso é atravessado por outros. Em segunda entrevista, Courtine pontua sobre o terreno sobre o qual está situado o conceito de interdiscursividade, que vêm a ser: “o discurso, a memória e a imagem.” Segundo ele, assim como o discurso tem sempre “já um discurso” anterior, haverá sempre uma “imagem sob as imagens”(COURTINE, 2005). E completa:

A imagem é ininterpretável fora do discurso. Há sempre sob as imagens uma rede estratificada de imagens interiores que passam a ser retomadas, transformadas. Dessa forma podemos falar da imagem da mesma maneira com falamos do discurso. A imagem como o discurso, mas também com o laço do discurso que a acompanha (COURTINE, 2013).

De acordo com Milanez (2013, p. 351), quando um sujeito observa uma imagem, inicialmente acredita ter suas próprias impressões, baseadas em memórias pessoais, em seguida, na tentativa de reconstituir aquele fato, vai se colocar diante do outro, em um lugar “determinado sócio-historicamente”. Contudo, apesar dessa sensação de individualidade, o autor considera que a memória será sempre coletiva, mesmo que o sujeito seja o único a ver determinada figura, ele nunca estará só, mas contará com a memória de outros.

a memória é uma noção que intervém tanto em nosso próprio pensamento quanto no dos outros. Essa forma de relação é um tipo de imposição. Assim, o fato de as imagens se ligarem umas às outras se dá na medida em que elas fazem parte de um conjunto de pensamentos, portanto, de saberes, comuns a um grupo com o qual estamos em relação em um momento dado de nossa história (HALBWACHS, 2004, p. 30 *apud* MILANEZ, 2013, p. 351).

O esquecimento do fato de que a memória pertence a outros é constitutiva do sujeito. Sobre a importância da memória, o autor ainda argumenta que:

A reconstrução da memória e sua conseqüente produção de acontecimento não está fixada somente em um passado anterior ao objeto estudado, mas nos dá a possibilidade de irmos para frente no tempo de produção desse objeto, ou seja, estamos no futuro do corpus que investigamos. Dessa perspectiva, o que interessa não é o objeto em si, mas quem olha para aquele objeto, que posição assume e a qual tempo ele, o sujeito, está vinculado. Enfim, a memória coletiva nos dá a possibilidade de nos situarmos enquanto sujeito naquilo que temos de individual e sócio-histórico, mas não somente como meros espectadores da memória do tempo, mas como sujeitos organizadores e recriadores de memória, o que acaba inevitavelmente na instalação de um acontecimento em termos discursivos (MILANEZ, 2013, p.351).

A memória, então, ultrapassa os limites do individual, ela é comunitária, pública, social; formando uma espécie de teia; uma cadeia de sentidos que abarca todos os sujeitos de um dado momento histórico.

2.3 SUJEITO, IDEOLOGIA E SENTIDO NA AD

Emissor e receptor, na perspectiva da AD, são afetados pela ideologia e colocados em posição de sujeitos por ela. Deste modo, aquele que fala não é simplesmente um emissor, visto que sua mensagem não é única, clara e transparente. Também não pode ser tomado como indivíduo, já que não fala só por si, não fala o que quer. É levado a se inserir em uma determinada formação ideológica, é condicionado, passando, assim, ainda que inconscientemente, a proferir o discurso de outros, já que aquilo que ele diz foi enunciado anteriormente.

Não se deve, de modo algum, confundir indivíduo e sujeito na perspectiva da AD. Assim, nesta pesquisa estudamos os sujeitos discursivos dentro de uma dada construção histórica e social, onde foi possível o aparecimento de certos discursos, não os indivíduos empíricos que construíram e difundiram os memes. Pode-se afirmar, nesse sentido, que todo e qualquer sujeito terá, então, acesso a um determinado conjunto de discursos, aos quais aderirá ou não de acordo com as condições sociais e históricas, e, claro, de acordo também com a ideologia em que está inserido.

No que diz respeito à ideologia, a AD a compreende como o modo de perceber o mundo por um certo grupo em determinado espaço social e tempo histórico. Sua composição envolve vários fatores, como: cultura, faixa etária, posição social, religião,

entre outros. O sujeito discursivo não pode fugir da ideologia, ela apodera-se dele. A esse respeito, Orlandi (2006), assevera que:

A ideologia interpela o indivíduo em sujeito, e este submete-se à língua significando e significando-se pelo simbólico na história. A subjetivação é uma questão de qualidade, de natureza (...) O assujeitamento não é quantificável (...) para dizer, o sujeito submete-se à língua. Sem isso, não tem como se subjetivar. (...) o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia (ORLANDI, 2006, p.19).

Pode-se perceber, dessa forma, a força que a ideologia exerce sobre o sujeito discursivo. Aquilo que ele diz será nortado pelas percepções presentes na formação ideológica em que ele se insere. Pêcheux (2011), no texto *Língua, linguagem e discurso*, ao tratar de como as formações ideológicas influenciam os sentidos diz: “não se trata somente da natureza das palavras empregadas, mas também, e, sobretudo, das construções nas quais essas palavras se combinam, na medida em que essas construções determinam a significação que as palavras terão” (PÊCHEUX, 2011, p.73).

De acordo com Orlandi (2015, p. 41) “formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito.” Nesse sentido, a formação discursiva exerce fundamental importância sobre as construções de sentido do discurso, uma vez que os sentidos deslizam de uma formação discursiva para outra. Isso quer dizer que de acordo com o contexto, com a posição de sujeito e com a ideologia dominante o sentido daquilo que é dito pode variar.

Desse modo, a linguagem, para a AD, não é transparente, pois “já chega a nós carregada de sentido” (ORLANDI, 2015, p.30), assim, os efeitos que ela causa também não são óbvios, mas dependem do leitor, do autor e do texto. O professor José Uchôa¹ afirma que “os sentidos não vêm das palavras, mas das condições de produção, que corroboram para a emissão de determinado discurso.” A palavra isolada também não carrega o sentido. Ela afeta diferentemente cada sujeito de acordo com suas possibilidades de interpretação, ou seja, de acordo com a ideologia na qual está empregada. Isso significa que é necessário que o sujeito esteja inserido em dada condição de produção para ter acesso a certas produções de sentidos. “O sentido está na relação com as palavras, mediada pela ideologia” (UCHÔA, 2013).

¹ O professor José Uchôa possui um canal no youtube onde postou vídeo aula sobre análise do discurso, acessível pelo link: <https://www.youtube.com/user/f1maniabr>.

Aqui, podemos também falar da noção de formações imaginárias. Segundo Orlandi(2015, p.37); “o lugar a partir do qual o sujeito fala é constitutivo do que ele diz” e essas posições passam pelas formações imaginárias, já que relações sociais são atravessadas pelo imaginário. Segundo essa noção, todo discurso é perpassado pelas imagens que o sujeito falante tem daquele que o ouve e vice-versa, além da imagem que ele tem do objeto do qual fala.

Esse mecanismo produz imagens dos sujeitos, assim como do objeto do discurso, dentro de uma conjuntura sócio-histórica. Temos assim a imagem da posição sujeito locutor (quem sou eu para lhe falar assim?) mas também da posição sujeito interlocutor (quem é ele para me falar assim ou para eu lhe falar assim?), e também do objeto do discurso (do que estou lhe falando, do que ele me fala?). É, pois todo um jogo imaginário que preside a troca de palavras. (ORLANDI, 2015, p. 38)

A partir dessas reflexões é possível dizer que o sujeito não se relaciona com o objeto, ou com o outro sujeito, mas com as imagens que faz deles.

3. UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE MEMES “NEGO ISSO, NEGO AQUILO”

Observemos os três memes dados a seguir:

Figura 1: Negro não se emenda Figura 2: Negro é traíra Figura 3: Negro não vale nada



Disponível em:
<<http://memes.com/img/528526>.
04-04-15.

Disponível em:
<http://memes.com/img/524609>. Em:
29-03-2015.

Disponível em:
<http://quenegaessa.com/nega-explica-porque-o-meme-nego-e-racista/>. 31-03-2015.

Tendo em vista todas as reflexões feitas a respeito de condições de produção, sujeito, efeito de sentido, ideologia e intericonicidade, é possível analisar os memes em conjunto. Percebe-se que os três memes apresentados fazem alusão ao passado escravocrata, de humilhação, exposição pública e desvalorização dos negros. No meme “nego não se emenda”, observamos vários negros sendo açoitados, uma punição aplicada por outro negro. Pode-se perceber, além daquele que recebe a surra, dois negros deitados, sangrando, dando a impressão de que já passaram pela tortura, e uma fila com vários outros, que parecem esperar pelo castigo. Toda a cena é assistida passivamente pela população.

No meme seguinte, um negro, capitão do mato, leva outro negro como prisioneiro. O capitão, vestido como a população branca, armado, arrasta o outro, que vem amarrado e seminud. No último meme a cena é de um negro sendo avaliado em um mercado. Dois homens brancos, com postura altiva, inspecionam um dos negros, enquanto os outros permanecem cabisbaixos. Todas as imagens colocam os negros em posição inferior, de abuso, como seres sem mérito, ou como um traidor da própria raça.

Observando os memes com olhar crítico, próprio da AD, voltado para as questões históricas, estas postagens não são percebidas como algo isolado, momentâneo, mas como um elo em um conjunto, uma rede: a imagem de um negro sendo analisado e observado (imagem nego não vale nada) pode remeter a várias outras, inclusive a de feiras e mercados. Ali, o homem parece se tornar mercadoria, alvo de avaliação para possível negociação; quando se observa a imagem do homem negro sendo castigado, possivelmente virá à mente do observador outras imagens de castigos e punições públicas. Nesse sentido, todas as imagens farão referência a outras anteriores, recuperadas na memória do sujeito. Ora, sabemos que essa memória é social e coletiva, é aquele “já dito que está na base de todo dizer” (ORLANDI 2015, p.29).

Aliadas a essas imagens, as frases completam os memes, já que também contribuem para a construção de efeitos de sentido relacionados ao aviltamento, ao menosprezo e à inferiorização: “Nego não se emenda”; “Nego é traíra”; “Nego não vale nada”. São frases com um peso negativo muito grande. Vejamos as possibilidades de sentido mais cimentadas na cultura brasileira: Quem “não se emenda” tem sentido de quem não tem conserto, não se arrepende, não melhora, nunca vai mudar. Quem é traíra pode ser interpretado como alguém que é desleal, infiel, traiçoeiro, desonesto. Quem “não

vale nada”, como alguém que não tem importância, não tem mérito, habilidade ou não ter caráter.

Na verdade, esses efeitos de sentido só são possíveis graças à associação das imagens com os textos verbais. Se fossem outras as imagens utilizadas, ou se as construções das frases fossem diferentes, os sentidos também seriam outros. Quando o termo “nego” é utilizado, ele passa a englobar todos os indivíduos negros, não um sujeito específico, isso faz com que todo um grupo de pessoas seja rotulado.

Ao associar certa imagem a determinado texto verbal, um discurso é construído. Esse discurso, por sua vez, tem historicidade, e não é novo, “mas aponta para outro que o sustenta” (ORLANDI, 2015, p. 37). Como não foi criado por aqueles que produziram as publicações, esse discurso corresponde a uma certa formação discursiva que, por sua vez, reflete uma formação ideológica. Além disso, os sujeitos, ao falarem ou se posicionarem, se esquecem que podem dizer de outro modo, pois “Temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos preexistentes” (ORLANDI, 2015, p. 33). Desse modo, mesmo que inconscientemente, o sujeito, ao falar, reproduz um discurso anterior. A partir daí pode-se afirmar, então, que os sujeitos produtores e reprodutores dos memes estão inseridos em uma formação ideológica que lhes possibilitou tal discurso, talvez em razão de que

no imaginário e na ideologia dos aparelhos coercitivos e repressivos da sociedade, cimentou-se a ideia de que o negro é vagabundo, vadio, ladrão. Portanto, até que se prove o contrário, ele é perigoso. A construção desse imaginário é parte da “síndrome do medo” que se abateu sobre a elite brasileira, no período escravista, em virtude das diversas revoltas e insurreições de africanos e seus descendentes (FONSECA, 2012, p.94).

Vejamos outros três memes:

Figura 4: Negro perdeu a noção do perigo

Figura 5: Negro fala demais

Figura 6: Negro não se enturma



Disponível em:

<<http://quenegaessa.com/nega-explica-porque-o-meme-nego-e-racista/> 31-03-2015>.

Disponível em:

<<http://imagenscomentariosfacebook.blogspot.com.br/2015/04/nego-memes-parte-2.html>. 02-04-2015>.

Disponível em:

<<http://memes.com/img/526906>. Em: 02-04-2015.

Ao observarmos o segundo conjunto de memes, inserimo-nos em outro contexto histórico. Passamos agora à conjuntura dos negros nos Estados Unidos do século XIX no que se refere à sua posição social e histórica. As três imagens rememoram os fatos fundamentais para se entender a segregação negra nos EUA, que teve seu período mais significativo do meio do século XIX até 1960. E é justamente esse período que os memes evocam, através, principalmente, das imagens que trazem. No primeiro meme, é feita uma referência ao grupo Ku klux klan, reforçada pela frase: “nego perdeu a noção do perigo”, trazendo à memória todas as atrocidades cometidas por tal grupo contra os negros, além disso, que a frase retoma o sentido de que esta população não está segura.

O segundo meme apresenta Martin Luther King como o “nego que fala demais”. Ora, Luther King foi mundialmente conhecido por seus inflamados discursos sobre igualdade, seu comprometimento com tal causa rendeu-lhe o Prêmio Nobel da Paz, em 1964. Se Martin Luther King ficou famoso por suas mensagens e pronunciamentos, uma imagem dele com a frase “nego fala demais” tem uma possibilidade de sentido recriminador, censor. Dentro dessa possibilidade de sentido, o “nego” não deveria falar tanto, reclamar tanto, deveria se calar.

O terceiro meme exhibe a imagem da segregação racial nos EUA que, por quase um século, foi instituída por leis que exigiam a separação de pessoas negras. Isso incluía banheiros, bebedouros, escolas, pontos e bancos de ônibus e muitos outros lugares e situações em que os negros deveriam estar apartados dos brancos. Todos esses memes

colocam o negro como alguém antissocial, como se a culpa pela separação fosse dele, além disso, reclamão, “sem noção do seu lugar”. Tudo isso gera efeitos de sentido que culpabilizam o próprio negro por seu sofrimento.

Assim como as frases dos memes em questão, as imagens por si só são carregadas de memórias, trazendo consigo toda a materialidade histórica. Não são figuras neutras tomadas ao acaso, pois “há sempre sob as imagens uma rede estratificada de imagens interiores que passam a ser retomadas, transformadas” (COURTINE, 2013). Essa retomada se dá através da memória. Tomemos o meme “nego perdeu a noção do perigo”: quando essa imagem é apresentada, todas as outras que se relacionam com elas são lembradas: imagens de membros do Ku klux klan com tochas, ou com uma cruz incendiada, por exemplo. Qualquer imagem de pessoas vestidas como membros desse grupo será rejeitada por grande parte das pessoas, pelo forte apelo racista que carrega; como foi o caso de alunos de uma escola em Salvador que, vestidos com tais indumentárias, receberam inúmeras críticas². Nenhum texto verbal precisa ser produzido, já que o simples uso do traje ou de qualquer outro símbolo relacionado à organização irá acionar na memória coletiva de que se trata de um grupo preconceituoso e perigoso. O meme “nego fala demais” pode trazer à memória imagens de pessoas falando energeticamente em um palanque; e assim sucessivamente.

Torna-se importante marcar o fato de que o sujeito precisa necessariamente estar inserido em determinada condição de produção para se inteirar completamente dos efeitos de sentidos produzidos pelos discursos. Desse modo, aquele que não dispõe dos mecanismos de apropriação das condições de produção poderá ter prejuízos quanto à interpretação, já que não dominará aquelas possibilidades de efeito de sentido. Então um sujeito que não conheça a história de divisão racial nos Estados Unidos, ou até mesmo a história da escravidão no Brasil estaria isento da responsabilidade por suas publicações? De acordo com a AD, não seria bem assim; pois ao se pronunciar o sujeito sempre terá a memória de outros discursos e sentidos como base para seu dizer. Uma palavra pode até receber um novo uso com o tempo, mas os sentidos antigos não serão apagados, eles sempre estarão ali, a fim de serem retomados, refutados ou ressignificados.

² Para maiores informações, acesse os sites: <<http://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1868185-alunos-usam-roupa-da-ku-klux-klan-em-festa-de-colegio-particular-de-salvador>> e <http://g1.globo.com/bahia/noticia/alunos-de-colegio-particular-da-ba-usam-roupa-de-organizacao-racista-durante-atividade-e-geram-polemica-nas-redes-sociais.ghtml>

Ao serem questionados e criticados pelas publicações ou compartilhamentos, muitos internautas dizem que os memes não são discriminatórios ou preconceituosos,³ que tal brincadeira é feita com o sujeito negro como seria dirigida a qualquer pessoa e que a intenção foi apenas de diversão. Entre eles, um dos maiores youtubers brasileiros, com mais de doze milhões de inscritos em seu canal, Felipe Neto. Ora, para a AD, a intencionalidade não é pertinente, mas o que importa é a materialidade do discurso, ou seja, aquilo que está posto. Não aquilo que se quis dizer, mas aquilo que efetivamente se disse. Na verdade, “não é a palavra que causa mal estar” (ORLANDI, 2015), mas o sentido que é construído, dentro das relações sociais que o discurso explicita. Se as imagens acima fossem substituídas por outras de pessoas brancas em situações diferentes, o sentido produzido certamente seria diferente.

Fonseca (2012) pesquisou sobre como o preconceito e o racismo, arraigados na sociedade brasileira, se manifestam em forma de piada. Apesar do *corpus* dessa pesquisa não tratar de piadas, mas de memes, seu trabalho foi utilizado como ponto de apoio, pela aproximação que se pôde observar entre os gêneros, pois em ambos materializam-se discursos nos quais o negro se torna alvo de ridicularização. Assim como nas piadas de negro, nos memes “nego isso, nego aquilo”, o negro é o objeto risível, alvo de discurso velado (ou não) de preconceito. Segundo esse autor, devemos ler as piadas como discursos, já que elas “manifestam relações de desigualdade” (FONSECA, 2012, p.31), desse modo traçamos um paralelo entre piada e meme dentro das condições de produção atuais.

O autor acrescenta ainda que, quando alguém ri do outro, está na verdade marginalizando-o, deixando-o à parte, inferiorizando-o. Ao rir do outro, através de piadas, ou por meio dos memes, a tentativa, na verdade, ainda que inconsciente, é de homogeneizar um grupo, e identificá-lo através de termos depreciativos. Fonseca (2012) ainda afirma que as ideologias dominantes tentam neutralizar a historicidade daquilo que não lhes interessa, daquilo que lhes é desconfortável. Segundo seus estudos, nos períodos de escravidão no Brasil não se fazia nenhum tipo de piada ou brincadeira sarcástica com negros, já que eles não eram vistos como seres humanos; mas a partir do

³ Algumas das discussões a respeito da presença ou não de racismo podem ser vistas nestes endereços: <https://www.youtube.com/watch?v=Oz4mpMVWEhg>
<https://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/humor-nego-viraliza-gera-debate-sobre-racismo-nas-redes-sociais-15678813>
<http://bjjforum.com.br/forum/viewtopic.php?f=6&t=5978&start=30> e
<http://bjjforum.com.br/forum/viewtopic.php?f=6&t=5978&start=30>

momento em que foram vistos como seres sociais, capazes de ocupar lugar na sociedade, as “brincadeiras e piadas” surgiram, com o intuito de humilhação e de correção de certos “defeitos” e “imperfeições”, tidos como inerentes à sua natureza biológica “inferior” e a seu legado cultural atrasado (FONSECA, 2012, p.33).

Quanto ao uso do termo “nego”, é possível ver, por meio de suas pesquisas, que não é uma palavra tomada inocentemente. Conhecemos as condições de produção em que esta palavra é usada com tom carinhoso, amoroso. O objetivo desse estudo não foi analisar estes casos, mas as condições de produção que justificaram seu uso nos memes, e perceber seus deslizamentos de sentido. Vejamos o que diz Fonseca (2012, p.118): “A subtração do nome dos negros é reflexo do período escravista em que os negros e seus descendentes perdiam sua alcunha original,(...) e dessa maneira, sua referência étnica”. Retirando o nome dos negros, negava-se-lhes a identidade e a origem, ao dar ou tirar o nome de um sujeito, uma sociedade imprime sua marca, sua história, seu poder sobre o outro. Quando toda uma parcela da população é chamada de nego, isso “destitui o negro de humanidade e identidade, tornando-o uma massa uniforme, sem quaisquer diferenças ou peculiaridades, isto é, sem subjetividade”(FONSECA, 2012, p.121).

Como já foi dito, quando se se usa o termo “nego” nas postagens, isso generaliza, homogeniza, colocando todos os negros sob a mesma perspectiva. Ao se ler “nego é traíra”, “nego não vale nada”, “nego não se emenda”, “nego perdeu a noção do perigo”, “nego fala demais”, “nego não se enturma”, lê-se que todos os negros são assim, tortos, errados, fora do padrão, já que o meme não especifica alguém, então alcançará a todos, massificando, rotulando. Desta maneira, a designação “nego” alcança toda e qualquer pessoa com pele escura, que passará a ser enquadrada nas descrições negativas acima.

Em geral, quando um discurso de ódio é proferido, seu efeito de sentido é rapidamente identificado. No humor, porém, a interpretação de preconceito é mais difícil, pois essa construção é mais sutil. Segundo Fonseca (2012), quando é feita uma piada (aqui incluímos os memes), o que acontece é a perpetuação de uma visão estereotipada, pois este recurso humorístico dissimula a realidade dos preconceitos existentes, transmitindo-os e disseminando-os de forma velada. De acordo com Fonseca (2012,p.31), tais discursos devem “[...] ser interpretados com base na leitura de seus códigos e por meio da contextualização histórica de suas mensagens, das origens e dos fins sociais que os fizeram emergir dos subterrâneos ou do vértice mais alto da pirâmide social. ”

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje a palavra ‘nego’, bem como suas variantes “nega”, “neguinho”, “neguinha”, “negão”, entre outras, são usadas em situação de carinho e amizade, entre pais e filhos, amigos, namorados e amantes como demonstração de afeto, sem nenhum sinal de maldade ou discriminação, independentemente da cor ou etnia dos sujeitos envolvidos no discurso. Contudo, o surgimento de uma nova significação e uma nova utilização não apaga a história que o termo carrega, principalmente por ser o racismo algo ainda tão presente na sociedade brasileira.

Outro argumento que pode ser levado em conta ao dizer que existe carga de preconceito nos memes analisados é que quando o termo “nego” é utilizado ele está sempre associado a imagens extremamente marcantes e ainda presentes na memória, ligadas à história da escravidão e da segregação das pessoas negras. Um único meme foi encontrado, em todo o conjunto observado, em que a imagem não era de negros: uma família branca, loira, de roupas claras, com a frase: “nego não tá nem aí”⁴. Esse meme tem uma variante com a mesma frase em um fundo branco. Todos os outros, em especial aqueles selecionados em nosso *corpus*, têm imagens depreciativas exclusivamente de indivíduos negros.

Ora, quando se apresenta a gravura de um negro capitão do mato acompanhada da frase: nego é traíra; ou a imagem de uma pessoa negra em meio a outras vestidas como integrantes da KuKluxKlan, com os dizeres: “nego perdeu a noção do perigo”; imediatamente serão acionadas memórias relacionadas a esses eventos, que tratam exclusivamente da realidade de pessoas negras. Se o meme é uma brincadeira sem teor racista, em que a palavra “nego” pode se referir a qualquer pessoa, faz-se então necessário responder por qual motivo praticamente todos os memes “nego isso, nego aquilo” apresentam imagens apenas de negros. A ideologia fala através do sujeito, se impõe, se revela por meio das escolhas que este faz ao proferir seu discurso, não existindo discurso neutro, tampouco novo, mas, como visto, parte-se sempre do já dito, retomando-o, ressignificando-o. Com base nisso, afirmamos que os discursos observados nos memes não são novos, mas reiteram um já conhecido discurso racista, que é cuidadosamente disfarçado em nossa sociedade, nesse caso, em forma de humor.

⁴Estes memes podem ser encontrados por meio do link: <http://caveiranerd.blogspot.com.br/2015/03/memes-nego.html>.

É certo que o analista vem também de um lugar marcado socialmente e historicamente, está inserido em uma ideologia. Então sua investigação nunca será neutra e imparcial, embora deva manter o máximo de distanciamento possível, seu estudo sempre partirá de uma posição ideológica. Logo, outro analista pode dar nuances de interpretação distintas, sem, contudo, divergir completamente desta que ora apresentamos.

Outro ponto que é necessário ressaltar é que o trabalho em Análise do discurso nunca é dado por concluído. As questões ora levantadas relacionam-se com aspectos sociais e históricos, por isso permanecem vivas, em movimento, inacabadas. Por isso, finalizamos este trabalho com estas considerações, às quais poderão se agregar outros conceitos, outras observações e outras análises posteriores.

Referências

COURTINE, Jean-Jacques. **Entrevista**. Entrevistador: Nilton Milanez. Vitória da Conquista: UESB, 2005. Entrevista concedida ao Laboratório de estudos do discurso e do corpo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eKjlliOU1O0>>. Acesso em: 10 maio 2017.

_____. **Entrevista**. Entrevistador: Nilton Milanez. Vitória da Conquista: UESB, 2013. Entrevista concedida ao Laboratório de estudos do discurso e do corpo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ujHemzSTIhw>>. Acesso em: 10 maio 2017.

FIORIN, José Luiz. A linguagem politicamente correta. **Revista Linguagem**, São Carlos, n. 1, ago. 2008. Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao01/artigos_alinguagempoliticamentecorreta.htm>. Acesso: 01 ago. 2017.

FONSECA, Dagoberto José. **Você conhece aquela?** A piada, o riso e o racismo à brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2012.

LISBOA, Loraine Vidigal. **Memes jurisprudenciais no Facebook do STJ: a constituição dialógica de um gênero verbo-visual**. 2015. 107 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal de Goiás – UFG, Catalão, 2015. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/4963/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Lorraine%20Vidigal%20Lisboa%20-%202015.pdf>. Acesso em: 20 jan.2017.

MILANEZ, Nilton. Intericonicidade: funcionamento discursivo da memória das imagens. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, 2013, p. 345-355. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/viewFile/20232/pdf>>. Acesso em: 10 maio 2017.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso. In: _____; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 100-142.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de discurso. In: _____; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (Orgs.). **Discurso e textualidade**. Campinas: Pontes, 2006. p. 11- 31.

_____. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, Michel. Língua, linguagens, discurso. In: PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice (Orgs.). **Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 63-75.

POSSENTI, Sírio. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 353-392.

UCHÔA, José. **Aula 11: Orlandi, Análise de Discurso**. Youtube, 9 jun. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TyzcONgOn38&t=44s>>. Acesso em 01 ago. 2017.